

VEREDAS

Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

VOLUME 4



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

PORTO, 2001

Veredas

Revista de publicação anual

Volume 4 – Dezembro de 2001

Director:

Carlos Reis

Director Executivo:

Sebastião T. Pinho

Conselho Redactorial:

Aníbal Pinto de Castro, Axel Schönberger, Claudio Guillén, Cleonice Berardinelli, Fernando Gil, Francisco Bethencourt, J. Romero de Magalhães, Jorge Couto, Maria Alzira Seixo, Marie-Hélène Piwnick, Ria Lemaire. *Por inerência:* Amet Kébé, Ana Mafalda Leite, Ana Paula Ferreira, Benjamin Abdala Jr., Carlos Reis, Christopher Lund, Cristina Robalo Cordeiro, Ettore Finazzi-Agrò, Helder Macedo, Henry Thorau, Isabel Pires de Lima, Laura Padilha, M. Carmen Villarino, Maria Manuel Lisboa, Onésimo T. Almeida, Regina Zilberman, Sebastião T. Pinho, Solange Parvaux.

Redacção:

VEREDAS – Revista da Associação Internacional de Lusitanistas
Faculdade de Letras
P-3000-447 Coimbra Codex
Fax 351-239.410088; E-mail: stpinho@ci.uc.pt

Edição, administração, distribuição e assinaturas:

Fundação Eng. António de Almeida
Rua Tenente Valadim, 231/325
P-4100-479 Porto
Tel. 351-22.6067418; Fax 351-22.6004314; E-mail: fundacao@feaa.pt

Paginação: José Soares Pinto – Porto

Impressão e acabamento: SerSilito - Empresa Gráfica, Lda./Maia

Autoria da capa: Atelier Henrique Cayatte – Lisboa

Depósito Legal N.º 137737/99

ISSN 0874-5102

Revista integralmente patrocinada pela



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

AS ACTIVIDADES DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS
TÊM O APOIO REGULAR DO INSTITUTO CAMÕES

ÍNDICE

ALICE MARIA TEIXEIRA DE SABÓIA, ET ALII – Ortografia portuguesa, estrangeirismos e globalização	7
ÂNGELA MARIA DIAS – Topografias poéticas da pós-modernidade no Brasil	21
BARBARA HLIBOWICKA-WĘGLARZ – Algumas observações sobre o emprego do Futuro do Indicativo em polaco e em português.....	45
CARLOS VELOSO – Impressões sobre (e a partir de) Eduardo Lourenço..	71
FLAVIA MARIA CORRADIN – No cair do pano camiliano, ficam-lhe as máscaras.....	81
FRANCISCO MACIEL SILVEIRA – O conto machadiano ou “a realidade é boa, o Realismo é que não presta.”	95
HENRY THORAU – Da Arcádia às Masmorras – o Teatro de Arena conta Tiradentes	105
IDELETTE MUZART FONSECA DOS SANTOS – <i>La Pierre du Royaume, version pour Européens et Brésiliens de bon sens</i> : a dupla tradução do romance de Ariano Suassuna.....	117
INOCÊNCIA MATA – Pepetela e as (novas) margens da “nação” angolana.	133
IZABEL MARGATO – Lisboa em outro tempo de escrita	147

JORGE FERNANDES DA SILVEIRA – “Neste momento a minha mão não tem autor”. Introdução ao primeiro volume de uma imaginária antologia brasileira da poesia portuguesa no século XX: 1920-1970.	157
JUAN M. CARRASCO GONZÁLEZ – <i>A Oração da Emparedada</i> da Biblioteca de Barcarrota.....	173
LAURA CAVALCANTE PADILHA – Nas dobras dos panos – feminino e textualidade em duas narrativas fundacionais angolanas.....	183
M. CARMEN VILLARINO PARDO – 40 anos de uma estreia: a entrada de Nélida Piñon no campo literário brasileiro com <i>Guia-Mapa de Gabriel Arcanjo</i> (1961).....	195
MAGDELAINE RIBEIRO – A produção do signo na escritura de João Cabral de Melo Neto.....	233
MALCOLM K. MCNEE – Alegorizando as Periferias: Pontos de Articulação entre a Crítica Cultural de Frederic Jameson e Roberto Schwarz.....	245
MARIA ISABEL VALE FERREIRA – CD ROM em PLE.....	265
MARIA OTÍLIA PEREIRA LAGE – Nas memórias do Volfrâmio – um sociolecto luso-galaico.....	275
MARINA KOSSÁRIK – Questões de fala nas obras linguísticas portuguesas dos séculos XVI e XVII.....	295
MAURIZIO PERUGI – “Um branco som de espuma”: Pré-história de duas Odes de Ricardo Reis (Livro primeiro, III e VI).....	321
ROLF NAGEL – Anúncios, língua e vergonha. Observações sobre o periodismo em Portugal e no Brasil.....	345
ROSELI SANTAELLA STELLA – Documentos para a história de Portugal encontrados no Brasil e na Espanha (séc. XV-XVI).....	349

Questões de fala nas obras linguísticas portuguesas dos séculos XVI e XVII¹

MARINA KOSSÁRIK

Rússia, Universidade Estatal de Moscovo Lomonósov

A historiografia linguística não tem apenas interesse puramente arqueológico, pelo contrário, tem vantagem prática: o estudo dos monumentos antigos pode estimular o espírito do investigador moderno ao topar com algumas ideias novas (ou, em muitos casos, bem esquecidas noções antigas).

Na história da linguística portuguesa, os séculos XVI e XVII são um dos períodos mais interessantes, quando foram editadas obras de vários géneros (gramáticas, diálogos, tratados, dicionários) dedicadas à descrição de diversas línguas: português, latim, hebraico, línguas exóticas². Os autores portugueses conseguiram exprimir ideias inovadoras em várias áreas, contribuindo muito para o desenvolvimento das concepções de apologia da língua materna, norma, história da língua, gramática universal, estudos tipológicos, ensino das línguas, além da descrição de vários níveis do sistema linguístico. Vários aspectos da tradição linguística portuguesa da época chamaram a atenção dos

¹ Este artigo é uma parte da investigação cujo objectivo foi o estudo de vários aspectos da doutrina linguística portuguesa de quinhentos e seiscentos posta no contexto da tradição europeia, que eu realizei em Moscovo e em Portugal como bolseira do Instituto Camões.

² Vd. **Bibliografia, I.**, no final deste texto.

historiógrafos³. Contudo, resta um aspecto que, apesar de ter sido tocado por investigadores, ainda deixa um espaço para estudo – é a problemática da fala.

O Renascimento devolve à filologia o interesse pela linguagem, pelas formas vivas da língua, característico para a Antiguidade Clássica. Enquanto a doutrina medieval analisa o enunciado a partir das ideias da correcção lógica, o Renascimento concentra-se na apreciação das próprias formas linguísticas. Daqui resulta a atenção dos autores da época para vários aspectos da fala. Esta temática tem diversas faces importantes para o historiador que estuda a tradição quinhentista e seiscentista: correlação entre a linguagem oral e escrita, apresentação do sistema fonético⁴, aspecto comunicativo da língua e, finalmente, a visão pelos filólogos da época das questões de sistema, norma e fala.

Correlação entre a linguagem oral e escrita

A crescente atenção pela linguagem oral é uma importante característica da época, provocada pelo interesse pelas línguas vivas e seu funcionamento. Antes de mais nada revela-se na codificação da língua nacional. Porém, ao discutir as questões da norma, os filólogos renascentistas em primeiro lugar orientam-se para a linguagem escrita. As primeiras experiências de fixar a norma das línguas nacionais eram fundadas, regra geral, na forma escrita não só por causa do prestígio desta, mas também porque ela, sendo mais estável e firme do que a forma oral, era uma base mais cómoda para o processo da codificação. Disto procede o reconhecimento, por muitos gramáticos da época, da língua de escritores como a principal base da norma. Mas é preciso sublinhar que o primeiro gramático português, Fernão de Oliveira, pertence a um reduzido círculo de filólogos renascentistas que ao codificar a norma da língua nacional se apoiam nas

³ Vd. **Bibliografia, II.**, no final deste texto.

⁴ Não tocamos todos os problemas da codificação ou da descrição da fonética, mas apenas alguns dos aspectos ligados com o interesse dos autores portugueses pela linguagem oral, pela fala.

duas formas da língua, escrita e oral, e é de notar que para o gramático português é a forma oral, a linguagem falada, que tem a prioridade. Na gramática de Oliveira a linguagem oral aparece não só como a base da norma, mas também como o objecto da codificação, o que se revela na sua atenção prioritária da fonética, nas referências às formas ouvidas:

[...] notemos o falar dos nossos homens e da hi ajuntaremos preçeitos [Oliveira, Quinto capitolo, Av v.]. averbio ate [...] algũs o pronunção cõforme ao costume da nossa lingua que he amiga dabrila boca: e danlhe aquella letra .a. que digo no começo: mas outros lhe tirão esse .a. e não dizẽ ate: mas dizẽ te não mais começando ã .t. Antre os quaes eu contarey tres não de pouco respeito na nossa lingua: antes se ha de fazer muyta conta do costume de seu falar e são estes Garcia de Resende em cujas obras eu o li no Cançioneyro portugues [...] e Joam de Barros ao qual eu vi afirmar que isto lhe parecia bem: e a mestre Baltasar com o qual falãdo lhe ouvi assim pronunçar este averbio ã digo sem a. no começo e com tudo a mi me parece o contrayro: e ao contrayro o uso dandolhe a. no começo: assim como damos a muitas dições [Oliveira, Capitulo xxxv, Cvij v.]. Dey a estes nomes no plural estes ditingos .ay. e oy. cõ .i. e não cõ .e. porq̃ as minhas orelhas assi o julgão [Oliveira, Capitulo xlv, Eiiij].

Apesar de estar reconhecida, já no século XVI, a importância da linguagem oral, os filólogos seiscentistas continuam a discutir este problema. Reparemos numa posição ambígua de Ferreira de Vera. De um lado, ele declara que a forma escrita é principal, explicando-o pelo seu papel na conservação dos textos literários e na fixação da linguagem modelar. Do outro lado, faz notar que a linguagem escrita é a representação da linguagem oral, sublinha a necessidade de reflectir as especificidades desta na codificação da grafia, ortografia e pontuação, refere a codificação não só da ortografia, mas também da pronúncia. As vacilações do ortografista revelam-se nas declarações contraditórias da necessidade de fundar a escrita ora na pronúncia, ora nos modelos latinos:

Muitos & mui graves autores puserão este argumento: Qual he de môr excellencia, o fallar bem com a penna, ou com a lingua? E dão (com justa razão) a ventajem ao bem arazoado per escrito. Porque o fallar elegante fica sepultado no esquecimento; & o ã se escreve fica em perpetua memoria. Que fora da eloquencia de Cicero, se a não deixara escrita? [Vera, §]. Assi como no processo da oração, ou pratica, que fazemos, naturalmente usamos de hñas

distinções de pausas, & silencio, assi para o que ouve entender, & conceber o que se diz, como para o que falla tomar o espiritu, & vigor para mais dizer: assi da mesma maneira usamos, quando escrevemos. Porque como a escriptura he hũa representação do que fallamos, para nos darmos a entender nella, usamos de pontos, como de balisas, que dividão as sentenças, & os membros de cada clausula [Vera, 37]. Porque a boa orthographia consiste em escrever, como pronunciamos: & da mesma maneira pronunciar como escrevemos. E assi como os Gregos, Latinos, & Arabes não tem nem conhecêrão esta nossa pronunção cheminé, chinella, marcha, chora, chupa; assi nós não temos (na nossa materna) a sua per ch; nem letra com que signifiquemos o χ dos Gregos. Assi que quando viremos escritos estes nomes, & outros semelhantes, lhes daremos a pronunção de qui, & C [Vera, 10-10v]. escreveremos [...] imitando sempre as escripturas dos homêes doutos, regulandos pelo entendimento, & ouvido, que he a melhor regra, que se pode ter, & dar nesta materia [Vera, 25]. A ultima regra he, que avendose d'apartar da boa orthographia seja para o Latim, descobrindo das palavras a origem, que se deve saber, & a lingua Latina, para escrever bem a Portuguêsa [Vera, 48].

O problema da relação da linguagem oral e escrita é importante também para os autores das obras cujo objectivo é a descrição de uma língua estrangeira⁵ com o fim principal de ensinar a falar nela. Na tradição gramatical portuguesa os primeiros exemplos destes manuais eram as gramáticas das línguas “exóticas”, ou “gramáticas missionárias” (as de Anchieta, Figueira, Estêvão) e a gramática da língua portuguesa para estrangeiros (a gramática de B. Pereira⁶). É de interesse especial o facto de que B. Pereira, que explicita a prioridade da forma oral da língua, acha este princípio tão importante, que escreve acerca dele bem no início da sua obra:

⁵ Língua viva.

⁶ Este objectivo da obra de B. Pereira pode ser comprovado pelo facto de estar escrita, diferentemente das outras gramáticas da língua portuguesa, em latim, que na época servia de meio de comunicação internacional, bem como pelas palavras do próprio autor que explicita os fins da sua gramática: “Cùm verò in me patriæ amor, [...] quiescere, haberéque commercium cum omni natione quæ sub coelo est, [...] vehementer dolui carere Lusitanos arte [= gramática], qua suam linguam exteris addiscendam proponant. [...] ex facilitate addiscendæ nostræ linguæ, ut exteri, sive mercatores suis opibus nos ditent, & nostris ditentur, sive concionatores pervadant usque ad fines Orbis, seu Lusitani imperij, ubi nationes barbaras veris Evangelij divitiis locupletent” [BP, â6-â6v].

Ad finem ponitur Orthographia, ars rectè scribendi, ut sicut prior docet rectè loqui, ita posterior doceat rectè scribere linguam Lusitanam [Pereira 1672, rosto].

A marca específica dos objectivos das gramáticas exóticas determina não só a prevalência da oralidade sobre a escrita, mas a importância da questão da percepção da fala:

[...] como a lingua do Brasil não está em escrito, senão no continuo uso do fallar, o mesmo uso e viva voz ensinará melhor as muitas variedades que tem, porque no escrever e accentuar cada um fará como lhe melhor parecer [Anchieta, 11]. Pera a pronunçiação não basta saber a orthographia, he necessario ouvir as vozes, ã se proferẽ pellos ã sabẽ bem fallar [Estêvão, 4].

Porém, os autores das gramáticas exóticas não deixam sem atenção a correlação entre a oralidade e escrita, que continua a ser actual por causa da necessidade de aplicar o alfabeto latino a um novo sistema fonológico. Este problema já era resolvido na codificação da língua nacional, mas nas descrições de línguas da América e da Ásia apresenta maiores dificuldades. Fixando os idiomas que não tinham escrita ou usavam outro sistema gráfico, os gramáticos apresentam as questões da fonética e grafia nos capítulos “Da Orthographia ou Pronunçiação” [Anchieta], “Do Alphabeto” – “Da Orthographia” e “Da Pronunçiação” [Estêvão]. Estêvão dá com a situação da possibilidade de apresentar o sistema fonológico de uma língua com vários sistemas gráficos e sublinha o papel de informantes:

Primeiramete cousa sabida he, que todas as linguas de Europa se escrevẽ com 24 letras pouco mais ou menos. Mas nestas terras, como os characteres não são letras, senão syllabas que resultaõ das combinações das vogais & consoantes do nosso Alphabeto. De modo ã por 24 elementos, que nos temos, teraõ elles pouco menos de sete centos [...]. Todo o negocio consiste em saber quaes são as nossas letras que podẽ responder as desta terra, satisfazendo com ellas a a orthographia, & aos accentos, & pronunçiação. Porque os Indios tẽ encerradas em seus charateres muitas letras, ã nos não temos em nossa Europa. E pera as declarar cõ nossas letras somos forçados de nos ajudarmos de accentos, & letras dobradas, & aspirações, & cõ as regras ã ao diante se verã [Estêvão, 1 v]. escrevamos como elles escrevẽ, & pronuciemos como os ouvirmos pronunçiar [Estêvão, 6]. Quero escrever ddollo, olho, ou dhonnu Arco, quẽ me dira ã ddollo se hade escrever cõ dous .dd. & dous .ll? ou dhonnu cõ hu .d. & aspiração, & dous .nn? Os naturaes que sabẽ a sua letra,

& també a nossa, & sabẽ juntamete quaes são aquellas letras nossas que respondẽ as suas, em ouvindo hũa palavra logo sabẽ cõ que letras nossas se hade escrever. Mas nos por rezaõ da differeça que ha no pronunciar as consoantes, que nos não temos, não perçebemos taõ facilmente as letras, ã em taes palavras entraõ [Estêvão, 3 v].

A análise da tradição linguística portuguesa demonstra que a problemática da correlação da linguagem oral e escrita é actual para várias obras que apresentam línguas vivas com diversos objectivos: codificação da língua nacional, descrição de línguas estrangeiras para os fins de ensinar a falar nelas.

Os monumenos comprovam que os gramáticos quinhentistas e seiscentistas sabem distinguir as noções de grafia e de fonética, a letra e o som. Tendo uma unidade de hierarquia superior que reúne os dois conceitos, a linguística da época não confunde estas ideias, mas perfeitamente as distingue terminologicamente, quando é preciso:

Quot accidunt litere? Quinque, Nomen, figura, potestas. Cognatio. Ordo. Quid est nomen? Vocabulum, quo unaqueq; appellatur, ad aliarum discretionem. Quid est figura. Discretio litere certis lineamentis terminata, pura, longa, brevis, rotunda. Quid est potestas? Ipsa litere pronuntiatio, propter quam & figura & nomina sunt adiuuenta [Sousa, l]. Letra he figura de voz [...]. As figuras destas letras chamam os Gregos caracteres: e os latinos notas: e nos lhe podemos chamar sinaes. Os quaes hão de ser tantos como as pronúncias e ã os latinos chamão elementos: e nos as podemos interpretar fundametos das vozes e escritura [Oliveira, Capitulo Seysto, Av v]. letras [...] têm [...] figura, nomes [...] pronúncias [Oliveira, Capitulo xv, Biiij v]. Letra he compreensão, ou prolação de hum som indivisivel. As Letras se dividem em Vogaes, & consoantes. As Vogaes em voz são cinco em todas as Linguas: como na Latina, A, E, I, O, U. em voz, & em figura são cinco [Roboredo 1619, 64]. Cum literarum figuræ, quas Græci characteres, Latini notas vocant, sint elementa, ex quibus partes orationis, ac nomina præcipuè coalescunt [...] Lusitanam linguam tradere intendimus, è re visum est à literarum natura, & pronunciatione Lusitanam Grammaticam auspicari. [...] Quod attinet ad pronunciationem, antequam pronunciandis singulis characteribus forma præscribatur, illud omnes vellem monitos, eam censi optimam pronunciationem, in qua omnes ac singuli cuiuscunque dictionis characteres exprimuntur [B. Pereira 1672, 1-2].

Descrição do sistema fonético/fonológico

Os filólogos da época tratam da questão da distinção das vozes articuladas características da fala humana, sublinhando a ligação delas com o significado:

E voz não é outra cousa, senão hũa percussão, ou ferimẽto do aar, que se pronuncia pela bocca do animal, & se forma com arteria, lingua, & beiços. E da voz ha duas maneiras, hũa articulada, & outra inarticulada, ou cõfusa. Articulada se chama, a que sendo ouuida, se entẽde & screve: a qual tambem chamão declarada, & intelligivel. Confusa he a ã não representa mais que hum simples som, como hum gemido [Leão 1576, A v]. a voz articulada he clara, & intelligivel [...]. Diremos articulada a do homem; porque desde qualquer de suas letras juntas, ficão fazendo claro, & distinto significado [Vera, 1 v-2].

Ao classificar os sons os autores das gramáticas de latim e de português distinguem, seguindo a tradição clássica, vogais e consoantes, mudas – líquidas, e, às vezes, semivogais. É de notar que Amaro de Roboredo, no seu *Methodo Grammatical para Todas as Linguas*, um dos primeiros exemplos de gramática universal que se compreende como tal, sublinha o facto de existirem cinco vogais em todas as línguas:

Vocales, A, e, i, o, u, y psilon grecum. Dicitur vocales, quia per se pure pronunciari possunt, et per se ipsa vocem habeant. Consonantes sunt relique litere preter vocales. [...]. Dicitur autem consonã litera, quod nisi feriat vocalem pronunciari non potest. Nam inde nomen accepit, quod cum vocalibus sonet. Ex his alie sunt mute, b, c, d, f, g, k, p, q, t. Dicitur autem mute, quia in comparatione vocalium et semivocalium nihil prope sonent. Alie sunt semivocales, l, m, n, r, s, x, z. Appellantur semivocales, quia in sonoritate prope ad vocales accedant. Alie sunt liquide, l, m, n, r, s. Sic dicuntur quia post mutas posite in eadem syllaba faciunt precedentem syllabam brevem, esse communem [Sousa, l]. as vogaes tem em sy voz: e as consoantes não se não junto cõ as vogaes [...] e não tẽ voz ao menos tão perfeita [Oliveira, Capitulo seysto, Av v]. cada hũa per sy sem aiũtameto de outra fáz perfeita uóz [...]. Chamamos cõsoantes por que com ellas [as vogais] sam soantes [Barros, 40 v]. Finalmente (tiradas as vogais) as mais se chamão consoantes, porq̃ não se podem pronunciar se não ferindo, ou soando com vogal. Destas consoantes ha duas especies: hũas mudas; outras semivogaes. As

mudas são estas B, C, G, K, Q, T. E chamão se mudas porque per si sós não se pódem pronunciar, nem sóão sem ajuntamento das vogaes. As semi-vogaes, ã quer dizer meias vogaes, são outras oito: F, L, M, N, R, S, X, Z. Destas são liquidas L, R, quando lhes precede muda: como clamar, gravar. F ante destas liquidas fica muda, como flâma, fruto [Vera, 4]. As Letras se dividem em Vogaes, & consoantes. As Vogaes em voz são cinco em todas as Linguas: como na Latina, A, E, I, O, U. em voz, & em figura são cinco. As mais Letras se chamão Consoantes, porque ferindo com Vogaes soaõ com ellas. Algũas destas consoantes de pronunciação mais dura se dizem, Mudadas que são B, C, D, F, G, P, Q, T. As outras de pronunciação mais suave, se dizem, Semivogaes, que são L, M, N, R, S, X, Z [Roboredo 1619, 64].

Enquanto os autores das gramáticas das línguas exóticas seguem a classificação elaborada pela tradição clássica, Francisco de Távora, na sua gramática hebraica, baseia-se na tradição gramatical judaica e distingue cinco grupos de sons (guturais, palatais, uvulares, dentais e labiais) segundo os órgãos que participam na sua produção:

Ubi proferuntur Literæ. Si eduntur sibili, .i., literarũ potestates cum flatus & pulmone extens instrumentis organicis comprimitur ditineturq'; ne recta & libere agrediatur si tunc guture, sit sonus ut [...], .i. A. H. C. A:H.si palato [...], .i. g. I. C. k. si lingua [...], .i. D. T. L. N. T. si dentibus [...], .i. S. Z. S. R. si labijs [...], .i.B. V. M. F [Távora, Bii-Bii v].

A tendência de descrever os sons como um sistema fonológico é uma importante característica dos monumentos linguísticos de quinhentos e seiscentos. É bem elucidativo o passo da gramática de Oliveira que demonstra a aproximação do seu autor à noção de fonema. Mais tarde achamos ideias parecidas nas obras de Estêvão e Ferreira de Vera:

O proprio de cada letra entendemos a particular pronunçiação de cada hũa: e o comũ chamamos aquella parte de pronunçiação e força em que se hũa parece cõ a outra. [...] se não teueremos çerta ley no pronunçiar das letras não pode hauer çerteza de preçeitos: nem arte na lingua: e cada dia acharemos nella mudança não somente no som da melodia: mas tâbẽ nos significados das vozes: porq̃ so mudar hũa letra: hũ açento ou som e mudar hũa quantidade de vogal grande a pequena: ou de pequena a grande: e assi tâbem de hũa cõsoante dobrada em singela: ou ao cõtrairo de singela em dobrada: faz ou desfaz muito no sinificado da lingua [Oliveira, Capitulo undecimo, Avij]. Esta letra ç, he muito differente de C, assi no nome, como na figura:

& como taes tem duas pronunciações diversas: porque com hũa dizemos, caca, & com outra caça: barca, que navega; & barça, vaso de palha: acude, verbo; açude de moínho: & assi calco; & calço: moca & moça: cappa; & çappa. E por esta clareza me admiro não estar posta em nosso alphabeto na forma. que agora o ordenei. Porque no trocar hũa letra por outra, não sómente troca o soído, mas ainda altera o sentido nas dicções, que tem differente significação [Vera, 6-6v].

São reveladas oposições fonológicas (das vogais abertas e fechadas, nasais e orais, consoantes vozeadas e não-vozeadas, lateral e vibrante, vibrante múltipla e simples, etc.). Oliveira opõe os sons pelos traços distintivos, dando uma série de pares mínimas; outros autores, inclusive os missionários, seguem o autor da primeira gramática portuguesa:

Temos ε grande como festa e e pequeno como festo; e temos o grande como fermosos e o pequeno como fermoso [Oliveira, Capitulo viij, Avj v]. antre as consoantes .b. e .p. são muy semelhantes e .c. com .g. tem muita vizinhença, e .d. com .t. .f. com .v. .l. com .r. singelo, .ç. com .z. e .s. ou .ss. j. e .x. [...] e isto assi antre as vogaes como antre as consoantes se trocãõ .o. e .ω. .ε. .e. .a. e .α. [Oliveira, Capitulo xvij, Bv]. Do .rr. dobrado a pronũciação e a mesma que a do .r. singelo se não que este dobrado arranha mays as gẽgibas de çima: e o singelo não treme tanto: mas tã mala ves he semelãte ao .l. [Oliveira, Capitulo treze, B v]. póde ã e presente e pode ã e preterito (Barros, 44 v). caretã ã e diferẽnte de caretã [Barros, 48]. he necessario sabermos em que letras se podem acabar os verbos desta lingua, em que se verã nas seguintes serias. Vogaes singellas. A, E, I, O, U. Vogaes com til. ã. ã. ã. õ. õ. Diphtongos singellos. ái. éi. ýj. ói. úi. ao. Diphtongos com til. ái, éi, ýi, ói, úi [Figueira, 103]. α. primeiro se chama .α. breve [...] & tẽ a pronunciação mea entra .α. e .o. [...]. O segundo .α. se chama .α. longo [...]. E tẽ a pronunciação de nosso .α. longo [Estêvão, 2].

A importância da linguagem oral na doutrina linguística da época leva os autores portugueses a atenderem à produção dos sons: eles indicam os órgãos do aparelho fonador e descrevem as articulações. Esta tradição é começada por Oliveira, que, indicando a natureza ambígua (material e ideal) da língua, vê nas especificidades da pronúncia as diferenças das línguas e dedica às articulações um capítulo especial. Outros gramáticos e ortografistas seguem o primeiro fonetista português, considerando que as especificidades da articulação

são características das línguas concretas, ou das línguas particulares. Nunes de Leão observa que os hábitos articulatórios se formam na infância. Estêvão estende a descrição das articulações a uma língua exótica. A obra de B. Pereira é o exemplo da descrição de articulações numa gramática da língua portuguesa escrita para estrangeiros. Ferreira de Vera, além de descrever o mecanismo da produção do som, já toca no problema da sua percepção:

[...] nã e tã espiritual a lingua ã não seja obrigada as leys do corpo [Oliveira, Primeyro capitulo, Aij v]. quantos diuersos mouimentos faz a boca cõ tambẽ diuersidade do som e em ã parte da boca se faz cada mouimento, porã nisto se pode discutir mais destintamente o proprio de cada lingua [Oliveira, Capitulo seytimo, Avj v]. e com tudo quaisquer ã se parecẽ ainda que muito consigo trazem alghũa çerta maneira d'mouer a boca / lingua / dentes / e beyços / ou formar o espirito poronde temos necessidade de as particularizar [Oliveira, Capitulo xviii, B v]. C pronũciasse dobrãdo a lingua sobre os dentes queyxaes: fazendo hũ çerto lombo no meyo della diante do papo: casi chegando cõ esse lõbo da lingua o çeo da boca e empedindo o espirito: o qual per força faça apartar a lingua e faças e quebre nos beyços com impeto [Oliveira, Capitulo treze, B]. quando pronunciarem qualquer dição com c, hã de fazer força com a lingua nos dentes debaixo de maneira, que fique algum tanto a ponta dobrada para dentro, & quando for com s, porã a lingua mais folgadamente pera cima que fique soando a pronunciação á maneira de ossuuió de cobra [Gândavo, A7]. Mas posto que as vozes sejaõ naturaes a todo homẽ em comum algũas gentes tem certas vozes suas proprias que homẽs de outras nações, ã com tormento que lhes dem as podem bẽ pronũciar, por as não terẽ em costume. [...] os mininos em quanto fossẽ tenros se haviã de pronũciar todas as letras & vozes [Leão 1606, 130]. Todas as vezes ã ouvermos de pronuciar dous .ll. dous .nn. dous .dd; ou dous .tt; [...] as avemos de pronuciar ferindo cõ a ponta da lingoa no Ceo da boca, no tempo de as exprimir [Estêvão, 2]. Quod attinet ad pronunciationem, antequam pronuciandis singulis characteribus forma præscribatur, illud omnes vellem monitos, eam censeri optimam pronuntiationem, in qua omnes ac singuli cuiuscunque dictionis characteres exprimuntur. Prima litera A pronuciatur aperto ore [...] Litera E pronuciatur aperto ore, sed minùs quàm aperitur ad literam A, coarctando viam spiritus, & incrassando parum linguam iuxta palatum altius [B. Pereira 1672, 2-3]. He esta letra B. das que chamamos mudas: a qual se forma com a respiração, que chegando aos beijos estando cerradas, & juntos, os abre, & sae do meio delles o som com seu inteiro soído [Vera, 6-6v]. Destes termos, ou dicções, tem conhecimento o ouvido pela voz, que se forma com a percussão do ár ajudado dos instrumentos da bocca, arteira, lingua, & beijos [Vera, 2].

Os gramáticos prestam atenção a alguns aspectos da prosódia (acento, entoação, pausas) e analisam o seu papel na produção e compreensão da fala:

Esta forma das dições a ã chamamos açêto sem a qual se mal conhecem hũs vocabolos dos outros e neçessarea em cada parte ou dição [Oliveira, Capitulo xxvii, C v]. Assi como no processo da oração, ou pratica, que fazemos, naturalmente usamos de hũas distinções de pausas, & silencio, assi para o que ouve entender, & conceber o que se diz, como para o que falla tomar o espiritu, & vigor para mais dizer: assi da mesma maneira usamos, quando escrevemos. [...] Da nota de admiração usamos no fim da clausula, que pronunciamos com algum espanto, ou inclinação [Vera 1631, 37-39]

É necessário sublinhar que o interesse pelas articulações é característico para os monumentos que descrevem a língua a partir das posições das gramáticas particulares. Os autores cujas obras atendem às gramáticas universais ora não apresentam o problema da articulação [Barros], ora, ao falar sobre o mecanismo da produção do som, expõem-no de uma maneira muito geral. Estendendo ao nível do som os princípios universais, que se realizam de várias maneiras em línguas concretas, os linguístas portugueses sondam a correlação entre fonética geral e particular:

[...] som he ferimento de dous corpos entre si mediante o âr; como acontece na prolação da Letra, & palavra entre o paadar, lingua, dentes, beiços, & âr respirado [Roboredo 1619, 64]. Dittongo he palavra Grega, ã quer dizer, som dobrado, ou ajuntamento de duas vogaes, que guardão sua força em hũa sã syllaba. Estes se formão em cada lingua de diferentes maneiras, & per diversos ajuntamentos de vogaes. Na nossa lingua ha dezassete [Vera, 25].

Aspecto comunicativo da língua

Outro tema versado por autores portugueses é o aspecto comunicativo da linguagem. A atenção a esta face da língua caracteriza as gramáticas cujo objectivo prático é ensinar a falar, garantindo ao aluno o domínio da língua em várias situações de comunicação. Os autores de tais obras não podiam limitar-se à descrição do sistema linguístico e tinham que prestar certa atenção às questões do discurso. Esta propriedade distingue as gramáticas das línguas exóticas e também

a gramática de B. Pereira escrita para estrangeiros. É evidente que os filólogos dos séculos XVI e XVII não realizam um estudo teórico da problemática do discurso, abordando-a de modo empírico ao apresentar a morfologia e a sintaxe das línguas que descrevem.

Um autor seiscentista organiza a exposição de certas partes do discurso – advérbio, interjeição e conjunção – não a partir das posições da gramática (morfologia e sintaxe), mas partindo das necessidades da pragmática. Como resultado, toda uma parte da sua obra aparece como a exposição de questões do discurso (Figueira, 127-149). O gramático refere a problemática da linguagem dialogal na classificação de advérbios (interrogativos, afirmativos, negativos, laudativos, incitativos, proibitivos, permissivos), dá grandes listas de respostas possíveis, escreve sobre perguntas implícitas e explícitas:

E porque ordinariamente por elles [advérbios] preguntamos, & respondemos: ou entendendose a pergunta tacita, pomos a resposta claramente, a qual dariamos à pergunta se claramente estivera, porémos aqui as perguntas, que se podem fazer, pera sabermos buscar as respostas, que se lhe devem aplicar. Os advérbios porque preguntamos, são os seguintes. Advérbios de tempo. Erimbâêpé? Quando? Bâêremepé? Em que conjunção, ou horas? [...] Aos advérbios de tempo Erimbâêpé, Bâêremepé, respondem os seguintes. Cõy [...] agora. Irá. Ao diante. Iëí, foi de hoje⁷ [Figueira, 127-129]

Descrevendo a “nota de interrogação” e resolvendo a questão do seu lugar na oração, que depende do tipo da pergunta, Figueira faz-nos lembrar a classificação de perguntas dicitais exposta na *Langue Française et Générale* de Ch. Bally:

Esta nota de interrogação Pe [...] porseha junto do nome, ou do verbo, sobre cujo significado cae a duvida. v. g. nesta pergunta Xepé açóne? A duvida he se hei de ser eu ou ha de ir, ou outro. E por isso se poem a dição Pe, junto ao pronome Xe, Mas se a duvida fora sobre aver de ir, ou não aver de ir, disseramos, Açópe ixéne? Hei eu de ir, ou não? [Figueira, 166].

Figueira caracteriza um grupo de palavras como “advérbios diversos”, exemplifica o uso delas na fala e dá possíveis réplicas dialogais:

⁷ Logo seguem mais 35 respostas a estes dois advérbios interrogativos de tempo. A descrição de outros advérbios interrogativos também é organizada deste modo (Figueira, 129-133).

Adverbios diversos. Irô? Pois? Vedes já. Coité [...], Entaõ, depois disso. Iandú, Se vem à maõ. Oçóu iandú. Ipó, Por ventura, Na verdade. Naçãubi, Naõ sem causa. Cocoty, E por outra parte. Ndãerojái, E nem por isso. Maetepe [...] Hora vede agora. Amé, Assi he, às vezes he ironia. Memé [...], Quanto mais? Biã, Mas, Debalde. Abiã, Ainda cá, quanto mais lá. Iké ãbiã; memé-tipo Ebapó. Tenhé, Debalde. Oçóu tenhé. Foi debalde. Aujenhé, Bem está assi. Aujetéramo [...], Ainda bem que assi seja ou fosse. Nandé, Mas antes asi. Marandá, Mal, & como naõ devia. Aémo? E com tudo isso? Amó, Ainda agora Aiúramó, ainda agora venho. Aándé, Mas naõ foi, ou naõ he assi [Figueira, 136-137].

Os autores de várias gramáticas exibem os meios de exprimir

a) aprovação e confirmação:

[Adverbios] Affirmativos. Pá, Sim do homem somente. Hehe, Sim, da molher, & tambem do homem. Anhé, l, Aié, Anhéráú, Assi he. [...] Anhéreá, l, anhéracoreá, Dos homẽs somente. Assi he. Anhérei, l, Anhéracorei, Das molheres somente. Assi he. Emoná, Emonàracó. Dessa maneira [Figueira, 133-134]. Niã, hẽ hũa confirmação do que se diz, ut Açonã, Vado igitur [Figueira, 144]. De *athoua* se uza tambem quando alguẽ vay dizendo algũa couza & o que ouve replica, & tornando lhe a dar rezaõ que lhe contenta ou convensa, dis o que ouvia he *athouã*, que quer dizer isso si, deste modo si [Estêvão, 76]. A aspiraçaõ hũ, interdentem he de quem vay confirmando, & assentindo ao que se lhe vay dizendo [Estêvão, 77];

b) desacordo:

[Adverbios] negativos. Aán, Aáni [...], Naõ. Aánireá, Dos homẽs sos. Aáni ri. Das molheres. Naõ he assi. Eám, l, Eámãe, Naõ, das molheres sós. Eráma, Naõ. Absit. Aánangái, De nenhuma maneira, l, Aáni. Aangatutenhé, De nenhũa maneira. Anhéraupé, l, Manheraupe, He zombaria [Figueira, 134]. Angái, Negaçaõ, como dissemos, De nenhũa maneira. Ajuntase sempre com estoutra. Aáni, ut Aánangái, De nenhum modo: por nenhũa via. Ajuntase tambem qualquer verbo negativo, ut Noçóangái, nunca elle foi, ou naõ foi ninguem. Naipotarangái, de nenhuma maneira quero [Figueira, 146]. Esta aspiraçaõ ha se repete, duas, ou tres vezes juntas com impeto, contra aquelle que quer dar noutrẽ ou fazer algũa couza mal feita, como reprehimento, & estranhandolhe o mal que quer fazer pera ã q̃ o naõ faça. A mesma aspiraçaõ, hũ, tamẽ entre dentes serve as vezes pera mostrar agastamento, & aborre-cimento dalgũa couza que se lhe diz, ou faz [Estêvão, 77]. o que esta ouvindo a outrẽ algũa couza de ã q̃ não gosta por ser ameassa, ou ronqua, ou quãdo lhe responde cõ algũ de sabor, diz itulenchi mã? any cai nã? tudo isto he o que tendes pera fazer, ou dizer, não tendes mais nada [Estêvão, 83v].

Os gramáticos expõem recursos de manter o contacto e exibem marcadores do final da réplica:

Ou, he de quê responde, a que o chamaõ, ã, de quê responde perguntando, por não ouvir, ou entender bem [Estêvão, 77-77v]. quando hũ vai contando algũa couza, acabando diz, itulenchi, anny cai nã, ou itulychi matu, ou itulochi paicu, ou itulichy qhabata, que ve formar o sentido da lingoagẽ tenho dito não tenho mais que dizer [Estêvão, 83-83v].

Eles indicam maneiras de

a) provocar a enunciação:

Tari pronunciado por sy so, depois de hũ ouvir algũa couza que outro vay dizendo lhe responde como faxemos no latim cõ ergo ut tari tuca quite dissara? pois vos que cuidaveis: do qual tari uzaõ tambem por sy so, quãdo algũa pessoa esta esperando por outra que foi saber de algũa couza, aquelle depois de chegar lhe dis o ã estava esperando tari? que he o mesmo que dizer; pois que temos? como passou? que vay por la? deste tari repetido se uza per modo de ronqua; quando hũ vay porfiando, & outro refutando, aquelle que parece vay de vencida, diz no cabo, com impeto tari, tari, ã he o mesmo ã dizer, vos que cuidaveis, que vos parecia? [Estêvão, 106-106v];

b) provocar, permitir ou proibir um acto:

[Adverbios] Incitativos. Sing. Nêi. Plur. Pêi, l, Penêi. Hora fus, applicai-vos. Keremé. Depressa fazei. Coritêi, Depressa, çogo, Ainda agora. Nêibé, Outra vez tornai a fazer. Prohibitivos. Aujé, Aujeranhé, Basta já. Nanhó, Nanhóranhé, Basta. Aáni, Aániã, Isso não. Aánumé. Não seja assi. Etêumé, Guarte não faças. Petêumé [...] plur. Não façais vos. Touneranhé, Esperemos mais [...]. Eitenhêumó [...], Pera que não aconteça. [...] Teinhé, Deixa isso; cessa de fazer. [Adverbios] Permissivos. Nei Aujebéte, Seja embora. Iepé, Seja, mas de balde. Iepé açó, irei de balde. Teinhé, Deixa o fazer (Figueira, 135-136). Note-se que de duas maneiras mandamos a alguem que não faça algũa cousa polo Imperativo, Eimonhangumé, não faças, ou pola segunda pessoa do presente do Indicativo, Nderemonháng-i; & este segundo modo tem força de ameaça, ou grande cautella, significando haver grande perigo na cousa que se proibe, ut Guarte, não faças; Nderemonháng-i. Nderári, guarte não caias (Figueira, 93). Quando se falla mandando com persuasão & rogos usaõ do futuro em, dus, em lugar de imperativo, ut hie velle tumĩ amacã raqhũchẽ: hea vagta hẽ tuuẽ hafĩ dharu chẽ, esta vez aveis de tomar este negocio entre maõs [...] isto bẽ vejo ã não he propriamente imperativo, mas por ter com elle alguma semelhança, o pus neste lugar [Estêvão, 34v].

Apresentam meios de expressão da atitude ao interlocutor e à situação, e ao enunciado:

[...] também por desprezo, & fanfaronia [se uza quito, y, e], diz hũ ao outro, a quẽ despreza, tu quito vlaunca, & que sois vos pera falar [Estêvão, 82v-83]. [Adverbios] Laudativos. Icatú [...], Muito bem. Matúeté [...] Está muy bem feito. Iã, Iamurú, Folgo que lhe aconteceo mal. Aeboé, Mui a proposito. [...] Naeté [...] Grandemente [Figueira, 136].

Demonstram os modos de exprimir pedido ou mando:

Quando se falla mandando com persuasão & rogos usaõ do futuro em, dus, em lugar de imperativo, ut hie velle tumi amacã raqhuche: hea vagta he tuue hati dhãru che, esta vez aveis de tomar este negocio entre maõs [Estêvão, 34v]. Quando na oraçaõ dizemos trazei outro vinho, ou agoa, ou qualquer couza semelhante, se mandamos trazer mais alem doutro ja trazido, ha se de uzar do adjectivo, anniyccu, i, α, & tambẽ de agullo, y, e, ou Choddu, i, α, & adicu, i, α, inda que anniyccu, i, α, serve tambẽ pera dizer trazei doutra casta, ou feiçaõ, ou tambẽ para mandar trazer quando se bebeo o vinho, ou agoa, ou acabou algũa outra couza, & se manda trazer de novo uzase de anniyccu, i, α [Estêvão, 82v].

Os gramáticos dão exemplos da etiqueta de linguagem. Este aspecto é importante para B. Pereira e, especialmente, para os autores das gramáticas de línguas exóticas. Expõem marcas de características sociais, inclusive as de idade e de sexo dos falantes:

Notandum est primò Lusitanos non uti secunda persona singularis *tu*, nisi quando loquuntur cum Persona admodum abjecta, vel admodum familiaris: quando enim loquuntur cum persona extranea aliqualis æstimationis, utuntur secunda persona pluralis, v. g. *vos soys, vos amais*, & non dicunt *Tu es, tu amas*. Tertia persona utriusque numeri pertinet ad titulos, quibus nominamus personas digniores. Tituli sunt *Vossa Merce, Reverendissima, senhoria, Illustrissima, Excellencia, Eminencia, Alteza, Magestade*. Notetur quòd quando dirigimus sermonem ad personas horum titulorum capaces, utimur illis titulis, & non tertiã personã, *Elle, ella, elles, ellas*. Est enim fæda inurbanitas, quando loquimur ad similes personas dicere *Ouçã elle, ou ella: Ouçam elles, ou ellas*. Audiatur ille, vel illa; Audiant illi, vel illæ. Verùm dicimus *Ouçã vossa Senhoria, vossa Excellencia; Ouçam vossas Senhorias, vossas Excellencias*. Aliquando absque inurbanitate dirigendo sermonem ad similes personas utimur secunda persona, jungendo vocem *Senhor*, ou *senhora: Ovi senhores, ou senhoras* [B. Pereira 1672, 37-38]. Alguns outros nomes ha que [...] tem subin-

tellecto o adjectivo meus em todos os casos, ut aî, minha mãi. O macho chama á irmã pei, guaupíra, minha irmã, e a minha sobrinha itô [...], a irmã ao irmão, ai [...], o pai e mãi ao filho macho piâ [...]. Todos os mais maxime vocando nunca se poem sem o adjectivo meus, noster expresso, ut pai, mestre, tio, mãi, etc. xerûb, xemboeçâr, xetutîr, xecíg, etc. [...] O senhor, o pai, o mestre, etc. faz, dizem, acejára, o senhor de homem, e não jára sómente, senão quando de si mesmo são absolutos [...]. Isto ha lugar onde é como possessio rei, ut patet exemplis: meu senhor, meu mestre; porque onde isto não ha, absolute se poem como ladrão, mondâ, o máo, angaipába, o fugidor, canhembóra [Anchieta, 20-21]. Todos os [...] vocativos [...] se denotaõ com esta particula Guí, l, Gué, que he o mesmo, que O, no Portuguez; [...] Xerúbgué. As molheres porèm em lugar de Gui, ou Gué, dizem Iú, ou Ió, Xe cyg jú, ò minha mãy [Figueira, 9]. [Adverbios] Affirmativos. Pá, Sim do homem somente. Hehe, Sim, da molher, & tambem do homem. Anhé, l, Aié, Anhéráú, Assi he. [...] Anhérea, l, anhéracoreá, Dos homêõs somente. Assi he. Anhérei, l, Anhéracorei, Das molheres somente. Assi he. Emoná, Emonàracó. Dessa maneira. [Adverbios] negativos. Aán, Aáni [...], Naõ. Aánireá, Dos homêõs sos. Aáni ri. Das molheres. Naõ he assi. Eám, l, Eámæ, Naõ, das molheres sós. Eráma, Naõ. Absit [Figueira, 133-134]. Ca Dos homêõs somente. Quyg das molheres sómente. Estas duas syllabas denotaõ resoluçãõ, ou determinaçãõ de fazer algũa cousa. Açó cá, Querome ir. Commũmente se lhe ajunta dantes, Ne, ou Pe. Açóne cá, Açópecá, diz o homem; Açónequyg, diz a molher [Figueira, 139]. Aho serve pera quando falamos cõ gente muyto grave, & se acrescenta ao ga, aho, ga, suamino, també pera muita mais honra, & gente mais grave, se acrescenta ao, ga alem do aho, hũa particula, zi, a qual se poẽ as vezes cõ ga, & as vezes se elle, ut aho zi suamia, ola meu senhor [...]. A gente baixa, em lugar de todas estas interjeiçoẽs de chamar uzaõ entre sy pera chamar da particula, ou letra, o, ut o Francisca o Francisco [Estêvão, 16v]. Aho uzasse qundo fallamos cõ homes mais graves, que nos, aga, se uza pera cõ igoais, & vaya, as vezes se uza cõ os homêõs baixos, & mininos, & are, sempre pera os tais, Ague pera cõ as molheres de qual quer qualidade. Ago pera cõ as mininas baixas, & que naõ saõ bramanas & pera as escravas. Are pera as mininas bramanas [Estêvão, 76v]. Por cauza de honra, uzaõ da terceira pessoa do Pl. pera a segunda do singular ut tu mi qhã vetata, ou vetati, onde vay V. M. [Estêvão, 93].

Os filólogos portugueses estudam os meios de dar expressividade à linguagem:

A, com til, ã, dá energia a alguãs palavras: ut Açóã, Eisme vou. Aániã, Aáriã, isso naõ. Guarda [Figueira, 138]. Aúb, significa defeito, ou má vontade na acçaõ. Açóãúb, vou, mas de má vontade. Acepiacãúb, desejo ver, tenho

saudades de alguem. [...] E se o verbo atraz se repete, tem mais força: ut Aço açóáúb, folgo que vou. [...] Quando se repete a dição, significa grande desejo. Açóáúúb, vou com grande desejo, & pressa. [...] Çoér, Ndoér, Xoér. [...] significaõ a mesma frequencia na acção dalgũa pessoa. [...] A estas se ajunta tambem ás vezes Ia, ou Yabí, & signigicaõ com muito mais efficacia, ut Denhemoyrondoeriabi, Sois mui pichoso e rabugento. ¶ Tambem Amanoçuer, quasi que ouvera de morrer. Aãrixuér, ouvera de cair quasi. [...] Niã, he hũa confirmação do que se diz, ut Açonã, Vado igitur. [...] Angái, Negação, como dizermos, De nenhũa maneira [Figueira, 138-146]. uzaõ de dous Dativos que tẽ a mesma significação de hũ, mas so tẽ mais algũ encarecimento, & efficacia no dizer, ut maca Padrica tu dy nãssi, ou maca Bapacatu many nãssi, naõ fazeis cazo de mi que sou vosso pay (Estevão, 23). A particula, che, se acrescenta ao cabo de algũa dição pera mayor emphasis, ut yecuchi huso naõ mais, cainchi nã, nada nada, fadha vlaitachi assa, naõ faz senaõ falar [Estêvão, 106v-107].

Como demonstram os textos dos filólogos portugueses, a problemática do discurso aparece nas gramáticas compostas para ensinar língua estrangeira com o objectivo prático de dominá-la em várias situações de comunicação.

Sistema, norma e fala

Na análise das questões da linguagem não deve ser esquecido o problema da correlação da tríade sistema–norma–fala como ela está apresentada nos monumentos linguísticos portugueses. Os textos de quinhentos e seiscentos demonstram o início do processo de se formar esta noção, embora não possamos afirmar que na época já exista uma clara diferenciação teórica dos respectivos conceitos.

São os autores das primeiras descrições da língua portuguesa com o fim da sua codificação que iniciam o processo da elaboração das ideias de sistema, norma e fala, básicas para a linguística moderna. Esta problemática é desenvolvida por gramáticos posteriores.

Oliveira, apesar de basear no uso a codificação da norma⁸, escreve sobre a “melodia”, a “natureza da nossa língua” e tenta procurar as

⁸ O gramático orienta-se pelo uso para resolver o problema da escolha das variantes modelares.

regras universais, revelando a percepção da diferença entre as regras racionais e o uso, ou os fenómenos do sistema e da fala:

[...] em cada lingua notemos o proprio do costume della: ca esta arte de grammatica em todas as suas partes [...] e resguardo e anotação d'sse costume e uso tomada despois ã os homẽs souberão falar; e não lei posta ã os tire da boa liberdade quãdo e bẽ regida e ordenada per seu saber: nẽ e diuidade mãdada do çeo que nos possa d'nouo ensinar: o ã ja temos e e nosso [...] a arte nos pode ensinar a falar milhor ainda ã não d'nouo [Oliveira, Capitulo xli, Dvj]. Tem tanto poder o costume e tambem a natureza que em que nos pes nos faz conhecer esta diuersidade de vozes [Oliveira, Capitulo viiiij, Avj v – Avij]. Qualquer forma ou genero, ã os nossos nomes tẽ no singular, esse guardão tambẽ no plural, porq nisto assi como em outras cousas guarda a nossa lingua as regras da proporção mais que a latina e grega, as quaes tem em suas dições muitas irregularidades e seguẽ mais o sabor das orelhas ã as regras da rezão: assi como nos tambẽ deixamos as regras geraes: porq o bõ costume e sentido nos mandão tomar algũas particularidades [Oliveira, Capitulo xlv, Eijj v]. se fosse em costume tambem diriamos Romão, Romãos; Italião, Italiãos, Valencião, Valenciãos. E tambem Jorge da Silueira no cançoneyro ã ajũtou Garçia de resende: diz castelão, do qual singular se o ouesse no mundo, diriamos no plural castelãos [Oliveira, Capitulo xlv, E ij].

Barros, pelo contrário, não trata de explicitar as diferenças entre o uso e o sistema, no entanto é ele quem na codificação da norma se apoia mais no sistema ao escolher as variantes. Revelando as divergências da norma e do sistema, ele acha possível usar as formas admitidas pelo sistema mas não aceites pela norma:

Sól, lũa, glória, fama, memória nam tem plurár. E quem algũ nome destes leuár ao plurár que a orelha pôssa sofrer, nam encorrerá em pecádo mortál: dádo que em rigor de bõa linguágem sam mais próprios do singular que do plurár [Barros, 10 v-11].

Ferreira de Vera distingue a arte e o uso, o que faz lembrar a diferença entre o sistema e a norma:

Hũas letras se dobrão nas dições per natureza das palavras, de que se não pode dar regra, porque consiste em uso; & não em arte. E assi não se pode dar razão, porque estas palavras Latinas, gutta, caballus (de que dizemos gotta, cavallo) tem dous tt, & dous ll; mais que dizer: Sic voluerunt priores: Que forão compostas â vontade de que as inventou [Vera, 28].

A atenção a esta problemática cresce ainda mais nas descrições das línguas exóticas. A necessidade de dar uma noção do sistema de um idioma desconhecido para o leitor aproxima as gramáticas missionárias aos manuais do latim e distingue-as das obras que codificam a norma da língua nacional, compostas para as pessoas que a dominam. Ao mesmo tempo, diferentemente dos manuais latinos, o propósito das gramáticas missionárias consiste em ensinar a fala, o que as semelha com as gramáticas do vernáculo: tanto estas como aquelas apresentam uma língua viva, que é o único ou principal meio da comunicação para os membros de certa comunidade linguística, embora a descrição se realize com fins diferentes. Enquanto as gramáticas portuguesas, sendo prescritivas, limitam o uso, escolhendo as formas modelares, as gramáticas das línguas exóticas, sendo descritivas, têm como alvo a apresentação maximamente ampla do uso, pois o fim destas gramáticas é garantir a eficiência da comunicação em todas as situações desta. Mas, como o ensino da língua desconhecida é baseado em primeiro lugar no estudo do seu sistema, os autores das gramáticas missionárias prestam muita atenção à descrição das formas regulares e irregulares. Isto reflecte-se na organização da descrição gramatical: uma especial importância é dada às regras, a obra de Figueira é organizada como um conjunto de regras. Notemos que este autor entende como irregularidade não só a desconformidade com o modelo standardizado de produzir formas (irregularidade formal), mas também a falta de empregos característicos para as correspondentes partes do discurso (irregularidade funcional), e determina os verbos defectivos como irregulares. Estêvão demonstra a percepção da hierarquia de modelos e a existência de modelos formais típicos:

De duas maneiras podemos chamar aos verbos irregulares; s. ou porque se não usão mais que em alguns tempos, numeros, ou pessoas; & estes melhor se chamaõ Defectivos, porque tem faltas nas taes cousas: mas nos tempos que tem, guardaõ a ordem das conjugações geraes. Outros são propriamente irregulares; porque tendo tudo, o que outros tem, não fazem suas formações da mesma maneira [Figueira, 53]. a conjugação principal dos verbos, seia hũa so, todavia esta variedade de activo, de neutro, defectivo, & de todos os seus negativos, & irregulares, he equivalente a muitas conjugações [Estêvão, 31].

A correlação das formas regulares e irregulares também se mostra importante na descrição do latim. É de notar que Roboredo,

achando necessário apresentar, na primeira etapa de estudo da língua, apenas modelos típicos de produção de formas (que estão na base do sistema), modifica o cânone da descrição gramatical: primeiro mostra as formas regulares do nome e do verbo, a seguir descreve outras partes do discurso e aborda vários problemas da sintaxe, e só depois apresenta formas irregulares.

Como vemos, os autores das descrições de várias línguas (português, latim, exóticas), ao resolver o problema da correção linguística, deparam-se com dois tipos de “desrespeito” de regras. Primeiro, defrontam-se com a existência de variabilidade e têm que escolher as variantes modelares, neste caso trata-se da correlação do uso e da norma. Depois, confrontam-se com a existência de mais de um modelo de produção de formas linguísticas, dos “desvios” do modelo típico, e então os gramáticos tratam da questão da hierarquia dos modelos e das regras, procurando achar as “regras mais gerais”. Este é um dos problemas eternos da linguística, que se apresenta na Antiguidade como anomalia e analogia, nos séculos XVI e XVII, como regras particulares e gerais, e que no século XX se discute em termos de sistema, norma e fala. Nos monumentos portugueses de quinhentos e seiscentos encontramos os dois aspectos da correlação do sistema e a sua realização, e o interesse dos seus autores por um ou por outro aspecto depende dos objectivos das obras. Nas gramáticas que codificam a norma, a principal atenção é dada à variação modelar ou não modelar, isto é à correlação da norma e do uso. Nas gramáticas que descrevem a língua estrangeira (as gramáticas de línguas exóticas, a inovadora descrição do latim realizada por Roboredo, a gramática da língua portuguesa de B. Pereira) os autores concentram-se em outro aspecto da correlação do sistema e a sua realização.

Para o historiógrafo é de grande interesse estudar como estas ideias são reflectidas na metalinguagem dos monumentos linguísticos. A análise dos textos portugueses demonstra que os seus autores tratam de distinguir terminologicamente os conceitos que começam a se formar.

Oliveira denota a língua, usando os termos “língua” e “linguagem”. À fala são atribuídas as designações “linguagem” e “falar”. O primeiro gramático português, que apresenta a concepção de norma bem próxima da sua compreensão na linguística de hoje, designa o uso como “costume” e “uso”:

A lingoagem e figura do entendimento [Oliveira Primeyro capitulo, Aij v]. nã e tã espirital a lingua ã não seja obrigada as leys do corpo [Oliveira, Primeyro capitulo, A ij v]. e não somente em cada voz per sy, mas tambem no ajuntamento no som da lingoagem pode auer primor ou falta entre nos [Oliveira, Primeyro capitulo, Aiiij]. outros [...] não dizẽ ate: mas dizẽ te [...]. Antre os quaes eu contarey tres não de pouco respeito na nossa lingua: antes se ha de fazer muita conta do costume de seu falar e são estes Garcia de Resende em cujas obras eu o li [...]. E Joam de Barros ao qual eu vi afirmar que isto lhe parecia bem [...] e a mestre Baltasar com o qual falãdo lhe ouui assim pronunçiar [Oliveira, Capitulo xxxv, Cviiij]. As regras ou leys ã digo [de cujo mandato se rege esta arte] são como disse anotações do bo costume [Oliveira, Capitulo xlij, Dvi v].

É de notar que Oliveira, que codifica a norma portuguesa, baseando-se no uso, intitula a sua obra *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*, enquanto a obra de Barros, menos orientada para o uso, chama-se *Gramática da Língua Portuguesa*.

Na gramática de Barros achamos um significativo exemplo do emprego dos termos opostos “língua” e “linguagem” aplicados ao mesmo idioma – o latim⁹:

Tulio, Cesar, Liuiio, e todolos outros a que chamamos fonte da eloquẽcia, nunca aprẽderã lingua latina, como a grega por que era sua naturál linguágem, tam comũ ao pouo Romano, como uemos que a nossa ã ao pouo de Lisboa, mas souberã a grãmática della. Esta lhe insinou que cousa e o nome, e quantas calidádes e figuras tinha, os tẽpos, e módos do uerbo, e todalas pártes que regem e sam regidas: com os mais açidentes e regras que a lingua latina tem [Barros, 57].

Roboredo usa o termo “prática” para designar a fala:

Entre as Preposições, que regem Ablativo, ha estas mui repetidas na prattica Portuguesa [...] Com, [...] De, [...] Em [Roboredo 1619, 51]. Foram escolhidas do Calepino essas palavras, que mais frequentes são na prattica metida nestas sentenças [Roboredo 1619, 79].

O termo “prática” no mesmo sentido achamos também na obra de Severim de Faria. Este autor aplica à língua como sistema o termo

⁹ A aplicação dos dois termos ao latim testemunha grandes mudanças na linguística renascentista da correlação do latim e dos vernáculos, ou na problemática da apologia, de que não tratamos neste artigo.

“natureza da nossa linguagem”. Para opor a língua e o dialecto recorre aos termos língua e falar:

[...] ajuntou tambem [Barros] nella [Cartilha] em certos circulos toda a diversidade de sillabas, que a natureza de nossa linguagem padece [Faria, Vida de João de Barros, 33]. na prática ainda que grave era aprasivel, & de grãde conversação [Faria, Vida de J. de Barros, 55]. E sobre tudo no fallar Atico se admitia o Ionico, & Dorico. Cõ esta copia se avetejou grãdemete a lingoa Grega [Faria, *Discursos*, 66].

Ferreira de Vera designa a língua com os termos “língua”, “razão”, “analogia”. A linguagem oral, oposta a escrita, é classificada como o “falar”, “processo da oração”, “prática”:

[...] letras são mais, ou menos, segundo as linguas; porque segundo suas pronunciações hũas tem menos, & outras mais [Vera, 3]. Os quaes pluraes senão podem formar em nossa lingua sem o vinculo do til, que liga os dous ii (& o mesmo he do dithongo, ee) por não dizermos, malfimis, beleguimis; & bemes: como a razão, & analojia da nossa lingua pedia, & melhor se escrevem sem os dittos dithongos, sômente com o til sobre a vogal, como fiz bes, bõs, belenguis [Vera, 26]. o fallar elegante fica sepultado no esquecimento; & o q se escreve fica em perpetua memoria [Vera, §]. Assi como no processo da oração, ou pratica, que fazemos, naturalmente usamos de h_as distinções de pausas, & silencio, assi para o que ouve entender, & conceber o que se diz, como para o que falla tomar o espiritu, & vigor para mais dizer: assi da mesma maneira usamos, quando escrevemos [Vera, 37].

A análise dos monumentos linguísticos portugueses leva à conclusão de que os filólogos dos séculos XVI e XVII apresentam vários aspectos da fala, contribuindo para a formação de conceitos básicos da linguística dos nossos dias.

Bibliografia

I

- ALVARES, Manuel, *Emmanuelis Alvari [...] grammatica libri tres*, Olyssipone, excudebat Ioannes Barrerius, 1572.
- ANCHIETA, José de, *Arte de grammatica da lingua mais usada na Costa do Brasil [...]*. Coimbra, 1595.

- ANCHIETA, José de, *Arte de grammatica da lingua mais usada na Costa do Brasil [...]*, coord. Júlio Platzmann, Leipzig, Typographica de B. G. Teubner, 1874 (ed. citada neste artigo).
- BARROS, J. de, *Grammatica da lingua portuguesa. Dialogo em louvor da nossa linguagem*, Olyssipone, apud Lodouicum Rotorigi[m], 1540.
- CARDOSO, Jerónimo, *Heronymi Cardosi Lamacensis Dictionarium ex lusitanico in latinum sermonem*, Ulissipone, ex officina Ioannis Aluari, 1562.
- CARDOSO, Jerónimo, *Dictionarium latinolusitanicum & vice versa lusitanico latinu[m]*, Conimbricæ, excussit Joan. Barrerius, 1570.
- CAVALEIRO, Estêvão, *Nova grammaticae Marie Matris Dei Virginis ars*, Lisboa, Valentim Fernandes e Hermão de Campos, 1516.
- CLENARDO, Nicolau, *Institutiones grammaticae latinae*, Bracara, sumptibus Gulielmi a Traiecto, 1538.
- ESTÊVÃO, Tomás, *Arte da lingoa Canarim [...]*, Rachol, no Collegio de S. Ignacio da Companhia de Jesu, 1640.
- FARIA, M. Severim de, *Discursos varios politicos [...]*. Discurso II Das partes que ha de haver na lingoagem para ser perfeita, como a Portuguesa as tem todas, & alg_as com eminencia de outras lingoas, Evora, por Manoel Carvalho, 1624.
- FIGUEIRA, Luis, *Arte da lingua brasilica. [...]*, Lisboa, por Manoel da Silva, (1621).
- GÂNDAVO, P. de Magalhães, *Regras que ensinam a maneira de escrever a ortografia da lingua portuguesa: com hum Dialogo que adiante se segue em defensam da mesma lingua*, Lisboa, na officina de Antonio Gonsalvez, 1574.
- LEÃO, D. Nunes de, *Orthographia da lingoa portuguesa [...]*, Lisboa, per Ião de Barreira, 1576.
- LEÃO, D. Nunes de, *Origem da lingoa portuguesa [...]*, Lisboa, por Pedro Crasbeeck, 1606.
- OLIVEIRA, F. de, *Grammatica da lingoagem portuguesa*, Lisboa, e[m]casa d'Germão Galharde, 1536.
- PEREIRA, Bento, *Thesouro da lingua portuguesa*, Lisboa, na officina de Paulo Craesbeeck, 1647.
- PEREIRA, Bento, *Regras gerays breves & comprehensivas da melhor ortografia [...]*, Lisboa, por Domingos Carneyro, 1666.
- PEREIRA, Bento, *Ars grammaticae pro lingua Lusitana addiscenda latino idiomate*, Lugduni, sumptibus Laurentii Anisson, 1672.
- PEREIRA, Frutuoso, *Arte de grammatica latina [...]*, Lisboa, offi. de Lourenço de Anvers, 1643.
- RESENDE, André de, *L. Andreae Resendii de verboru(m) coniugatione commentarius*, Olissipone, apud Lodovicum Rhotogirium, 1540.

- ROBOREDO, Amaro de, *Methodo grammatical para todas as linguas [...]*, Lisboa, por Pedro Craesbeeck, 1619.
- ROBOREDO, Amaro de, *Raizes da lingua latina mostrados em um tratado e dicionariof[...]*, Lisboa, na officina de Pedro Craesbeeck, 1621.
- ROBOREDO, Amaro de, *Porta de linguas ou metodo muito accomodado para as entender [...]*, Lisboa, da officina de Pedro Crasbeeck, 1623.
- ROBOREDO, Amaro de, *Grammatica latina de Amaro de Roboredo mais breve e fácil que as publicadas até agora na qual precedem os exemplos aas regras [...]*, Lisboa, na officina de António Alvares, 1625.
- SOUSA, Máximo de, *Institutiones tum lucide, tum compendiose, latinarum literarum, tradite dialogo, candidis ac vere pijs Cenobitis Sancte Crucis [...]*, Coimbra, apud Coenobium Diue Crucis, 1535.
- TÁVORA, Francisco de, *Grammatica hebraea novissime edita [...]*, Conimbricæ, apud Ioanem Aluarum, 1566.
- VERA, Á. Ferreira de, *Orthographia ou modo para escrever certo na lingua portuguesa [...]. Breves louvores da lingua portuguesa com notáveis exemplos da muita semelhança que tem com a língua latina*, Lisboa, Mathias Rodriguez, 1631.

II

- ALMEIDA, J. M., “Uma gramática latina de João de Barros”, *Euphrosyne* II, (Lisboa, 1959).
- BUESCU, M. L. Carvalhão, *Babel ou a ruptura do signo. A gramática e os gramáticos do século XVI*, Lisboa, Imp. Nacional - Casa da Moeda, 1983.
- BUESCU, M. L. Carvalhão, *Gramáticos portugueses do século XVI*. Lisboa, Inst. de Cultura Portuguesa, 1978.
- BUESCU, M. L. Carvalhão, *O estudo das línguas exóticas no século XVI*. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1983.
- CALAFATE, P., “Gramática e filosofia no século XVIII em Portugal”, *Revista da Faculdade de Letras*, 5, 15 (Lisboa, 1993), 145-154.
- CARDOSO, S. Cerveira, *A gramática filosófica de Jerónimo Soares Barbosa: reflexões da gramática geral*. Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva. Universidade do Porto, 1986.
- CASTELEIRO, J. Malaca, “A doutrina gramatical de Jerónimo Soares Barbosa” *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa, Classe de Letras*, XXI (Lisboa, 1980).
- CASTELEIRO, J. Malaca, “Jerónimo Soares Barbosa. Um gramático racionalista do século XVIII”, *Sep. do Boletim de Filologia*, XXV, (Lisboa, 1980/81, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa).

- COSERIU, E., "Língua e funcionalidade em Fernão de Oliveira", *Fernão de Oliveira. Gramática da linguagem portuguesa (1536)* (edição crítica, semi-diplomática e anastática, org. e intr. de Amadeu Torres e Carlos Assunção), Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 2000, p. 27-60.
- FÁVERO, L. Lopes, *As concepções linguísticas no século XVIII: a gramática portuguesa*. Campinas, SP., 1996.
- FREIRE, A. S. J. " 'A gramática latina' do Padre Manuel Álvares e seus impugnadores", *As Grandes Polémicas Portuguesas* (direcção literária de Artur Anselmo, direcção artística de Sebastião Rodrigues, prefácio de Vitorino Nemésio), Lisboa, Verbo, 1964, vol. I. p. 333-389.
- GONÇALVES, F. Rebelo, "História da filologia portuguesa - os filólogos portugueses do séc. XVI", *Boletim de Filologia*, IV, 1936.
- GONÇALVES, M. F., *Madureira Feijó, ortografista do século XVIII: para uma história da ortografia portuguesa*. Lisboa, Ministério da Educação, Inst. de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.
- KOSSARIK, M. A., *Rannie portugalskie grammatiki i trktaty o iazyke: k istorii lingvisticheskikh utchenii* [As primeiras gramáticas e tratados linguísticos portugueses: para a história da doutrina linguística]. Dissertatsiia na soiskanie utchionoi stepeni kandidata filologiticheskikh nauk, Moskva, Moskovskii Gosudarstvennyi Universitet im. M. V. Lomonosova, 1991.
- KOSSARIK, M. A., "On the problem of tradition and innovation in the history of linguistic studies. renaissance and contemporary linguistic paradigms: two eposcs' bondage", *Vestnik Moskovskogo Universiteta* [Moscow State University Bulletin] Series 9, Philology, N° 5 (Moscow, 1995), p. 104-116.
- KOSSARIK, M. A., "Renaissance and modern linguistic paradigms – the connection of epochs", *Linguistics by the End of the XXth Century: Achievements and Perspectives. International Conference Abstracts*, Moscow, Philologia Publishers, 1995, vol. I., p. 259-261.
- KOSSARIK, M. A., "A doutrina linguística de Amaro de Roboredo", *Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, 1997, vol. II, p. 429-443.
- KOSSARIK, M. A. *Teoria i praktika opissania iazyka (na materiale lingvisticheskikh sotchineniy Portugalii XVI-XVII vv.)* [Teoria e prática da descrição da língua (com base das obras linguísticas portuguesas dos séculos XVI e XVII)]. Dissertatsiia na soiskanie utchionoi stepeni doktora filologiticheskikh nauk. Moskva, Moskovskii Gosufarstvennyi Universitet im. M. V. Lomonosova, 1998.
- KOSSARIK, M. A., "A obra de Amaro de Roboredo. Questões da historiografia linguística portuguesa", *Roboredo, A. de, Methodo grammatical para*

- todas as linguas [...] Fac-símile da edição de 1619*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa de Moeda, no prelo.
- LOURO, Estanco, *Gramáticos portugueses do século XVI*. Lisboa, s.d.
- PINTO, R. Morel, "Gramáticos portugueses do Renascimento", *Sep. da Revista de Portugal, série Língua portuguesa*, XXVII, (Lisboa, 1962).
- RÉVAH, I. S., *João de Barros. Études Portugaises*, Paris, Fund. Calouste Gulbenkian, 1975.
- STEGAGNO, L. Picchio, "La questione della lingua en Portogallo", *João de Barros. Diálogo em louvor da nossa linguagem*, Modena, 1959.
- TEYSSIER, P., "La prononciation de voyelles portugaises au XVIème siècle d'après le système orthographique de João de Barros", *Anali dell'Instituto Universitario Orientale*, Sez. Romanza. Napoli, 1966, p. 127-198.
- TORRES A. "Dos Códices gramaticais medievos à Gramática de Fernão de Oliveira. Fernão de Oliveira e a sua gramática em edição crítica. Fernão de Oliveira, primeiro gramático e filólogo da Lusofonia. Humanismo inaciano e artes de gramática – Manuel Álvares entre a "RATIO" e o "USUS". Das fronteiras sem gramática à gramática sem fronteiras – contribuição para a gramaticologia franco-portuguesa", *Torres. A. Gramática e linguística. Ensaio e outros estudos*, Braga, 1999, p. 43-125.
- VERDELHO, T., *As origens da gramaticografia e lexicografia latino-portuguesas*, Aveiro, 1995.
- WOLL, D., "Portugiesisch: grammatikographie", *Lexikon der romanistischen Linguistik (LRL)*, (Herausgegeben von Günter Holtus, Michael Metzeltin, Christian Schmitt), Tübingen, 1994, 649-672.